



A Última Cruzada Evangelística: Silas Malafaia, Rodrigo Mocellin e a renovação do discurso anticomunista da Direita Cristã no ano eleitoral de 2022

Palavras-chave: Anticomunismo, Antimarxismo, Direita Conservadora, Direita Cristã, Pastores Evangélicos.

Autores: Vitória Letícia de Oliveira Svoboda (Unicamp)
Professor Doutor André Kaysel Velasco e Cruz (Orientador, Unicamp)

Introdução:

O discurso político de pastores evangélicos exerce influência no cenário político brasileiro desde a Assembléia Nacional Constituinte de 1988, quando se elegeram os primeiros deputados evangélicos de orientação conservadora, pioneiros protestantes de uma já estruturada Direita Cristã. Esta pesquisa propôs analisar, mobilizando discursos proferidos por parte de pastores na plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube, como Rodrigo Mocellin, pastor da Igreja Resgatar Guaratinguetá, e Silas Malafaia da Igreja Assembléia de Deus e, a partir das considerações acerca de divergências orgânicas de suas congregações, compreender um denominador comum entre estes: o discurso anticomunista.

O conservadorismo evangélico ainda mostra-se como uma forma de pensar autoritária. Ela se expressa, principalmente, através do pânico moral, agente provocador do medo entre fiéis evangélicos, que usa de “fatos” e “teorias” para exercer uma liderança carismática sobre estes, criando uma forma de pensar pré-política. Essa forma de conservadorismo autoritário consiste em uma ideologia posicional: combater uma cosmovisão ascendente ao mesmo tempo que sustenta sua posição de senso comum, ainda que represente uma parcela secundária da cristandade no Brasil, e de resistência às mudanças tais como a modernização, secularização e “ideologia de gênero” (ALMEIDA, 2020). Além disso, conta com o suporte emprestado da teoria da conspiração, endossada no Brasil por Olavo de Carvalho, do “Marxismo Cultural”.

O antigramscismo, o antissocialismo e o anticomunismo aparecem como sinônimos no discurso da direita Cristã foram utilizados como equivalentes. Para Olavo, o marxismo cultural busca inverter a visão do senso comum e os sentimentos morais, inaugurar um novo cenário mental onde as visões e opiniões já vigentes são invalidadas e atribuídas a expressões subjetivas do passado. Essa forma de marxismo seria, também, uma ligação entre as ideias de Gramsci, da Escola de Frankfurt, do “politicamente correto”, do feminismo e do ativismo LGBTQIA+, ou seja, a teoria que legitimaria os intelectuais defensores dessa pauta como

dominantes sobre o homem comum cristão – além de sua infiltração sistematizada ao Estado pela junção com as massas através de uma unidade ideológica capaz de mudar a cultura, a política e a sociedade a longo prazo. Esse processo se daria, principalmente, pelo extermínio do cristianismo ocidental pró-capitalista (BIANCHI e MUSSI, 2022). Foram essas duas frentes, em uníssono, que cimentaram o caminho para a eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro e deram voz à sua campanha de reeleição no ano de 2022.

Metodologia:

Em um primeiro momento, foi realizado o levantamento e a revisão da bibliografia, que conta com títulos tais como *Evangélicos à Direita*¹, *O Antigramscismo na América Latina*² e *Moral Majorities Across the Americas*³. Posteriormente, cerca de cem dos vídeos compartilhados por cada um dos pastores foram organizados em uma playlist privada no Youtube, sendo estes os que foram postados de janeiro a dezembro de 2022. Todos foram assistidos em um mapeamento de temas e, em seguida, reassistidos e fichados. A partir da metodologia de Análise de Discurso proposta por Michel Pêcheux, isto é, na divisão política dos sentidos pensada a partir da historicidade (PÊCHEUX, 1990), e para além, do pressuposto de que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 1973, p. 5), busquei nos discursos de Malafaia e Mocellin qual o significado que empregam ao “Comunismo”, quais aspectos lhe emprestam por características, de que forma transmitem, dentro do teor didático de seus vídeos, seus pontos de vista sobre o assunto. Fez parte desta análise, ainda, um olhar analítico empírico, que compreende o discurso como situado entre os campos do inconsciente e da ideologia.

Ou seja, a partir do princípio de que o que foi dito na posteridade torna possível o dizer em tempo presente por intermédio da ideologia e do inconsciente (PÊCHEUX, 1990), argui acerca da forma com que o discurso anticomunista da Direita Cristã evangélica se modificou desde seu advento em 1970, quais características foram atribuídas por seus adeptos – nesse caso específico, Malafaia e Mocellin –, ao Comunismo como termo vacante, a ser preenchido de significado, de que forma estes dois pastores acima citados viram uma suposta articulação comunista para dominação global, como se compreenderam como seus antagonistas, de que forma construíram, em seus imaginários, essa luta contra o comunismo “diabólico”.

Em um outro momento, busquei compreender como esse discurso se direciona no contexto de ano eleitoral, como no caso do ano de 2022. Se a ameaça comunista figura na imagem específica de um partido ou agente político, questioneei se havia, dentro de seus imaginários, um agravamento situacional, isto é, um risco iminente de efetivação da dominação comunista. Além disso, se havendo esse agravamento, qual o tipo de reação por esses pastores incentivada, quais candidatos de direita apoiaram, ainda que indiretamente, ou mais precisamente, se apoiaram o candidato representante da direita à reeleição presidencial Jair Bolsonaro e sua base partidária de candidatos ao poder Legislativo, como esse apoio se deu e quais concordâncias e simpatias para com o Bolsonarismo aparecem em seus discursos.

Conclusões:

¹ ALMEIDA, Ronaldo de. **Evangélicos à Direita**, Horizonte Antropológico, Porto Alegre, ano 26, n. 58, p. 419-436. set./dez. 2020.

² BIANCHI, Alvaro.; MUSSI, Daniel. **Antigramscismo na América Latina: circulação e tradução de ideias**. Brasília: Revista Brasileira de Ciência Política, n.37, p. 1-29, 2022.

³ COWAN, Benjamin A. **Moral Majorities Across the Americas**. Carolina do Norte: North Carolina Press, 2021.

Ambos se colocam em defesa do então Presidente da República Jair Bolsonaro, compreendendo que este sofria perseguições motivadas por sua orientação como “liberal na economia e conservador nos costumes”. Malafaia participou ativamente de sua campanha e esteve presente em atos e eventos onde Bolsonaro esteve enquanto candidato, além de convidá-lo a sua igreja. Mocellin, discretamente, se posiciona a favor de Bolsonaro mas rejeita a ideia de que sua igreja deve apoiar a um candidato específico e, devido a isto, apenas aconselha seus fiéis acerca do voto em candidatos cujos valores morais não se baseiam no cristianismo. Os principais agentes desta perseguição seriam os juízes do Supremo Tribunal Federal e os deputados e senadores que compunham a oposição a seu governo. No entanto, mesmo instituições tão poderosas estariam submetidas a uma força política global: a infiltração do marxismo cultural na sociedade civil, nas instituições que a representam e no Estado democrático de direito. Diante disso, ambos demonstram desconfiança para com pesquisas de intenção de votos e constroem, desde antes do primeiro turno eleitoral, a narrativa de que as urnas eletrônicas empregadas eram vulneráveis a ataques hackers e que Bolsonaro era, desde o princípio e de modo irreversível, o vencedor do pleito para presidente da república,

Esta infiltração, uma vez vencido o nacional socialismo da União Soviética, passou a fortalecer-se por meio da globalização, do fortalecimento de movimentos sociais, e da degradação da moral e da fé por meio de uma acelerada secularização e cientificação dos modos de vida. A égide comunista não é por eles representada como nos discursos de seus antecessores: o comunismo não se configura como Estado, mas como uma ideologia de destruição capilarizada em todos os confins do mundo, mesmo naqueles que se encontram sob governo os conservadores de direita. Esta mudança, segundo Mocellin e Malafaia, foi o esforço perpétuo de uma ideologia decadente de perpetuar-se como um pensamento político das massas. O comunismo perante a globalização tornou-se ainda mais internacionalista.

Se posicionam contra crença no gênero socialmente definido, o relativismo cultural e estético, os programas de distribuição de renda, uma suposta politização do Superior Tribunal Federal, a corrupção endêmica dos governos de esquerda, o ambientalismo “melancia”: “verde por fora e vermelho por dentro”, o direito de povos originários sobre a terra, o Partido dos Trabalhadores e o Partido Socialismo e Liberdade. Como novidade, Mocellin se coloca como a favor do Estado mínimo; ambos, no entanto, apresentam divergências em sua forma de pensar: Malafaia se declara contra o porte e posse de armas de fogo para civis, Mocellin é a favor; Malafaia é a favor de uma concepção tradicional da escola, moldada no ensino público oferecido durante a Ditadura, Mocellin é contra a escola tanto pública quanto

privada, pois crê que a educação é de responsabilidade exclusiva dos pais e oferece cursos sobre a ministração de homeschooling. No entanto, estas divergências tornam-se efêmeras face a última cruzada do “povo cristão” contra o comunismo diabólico: vencer a esquerda no pleito de 2022, empurrando partidos desta orientação ao ostracismo e, por conseguinte, manter os valores e a vida religiosa como componentes basilares de um modo tradicional de vida em sociedade foi a missão de ambos, objetivo último para o qual moveram um grande contingente de esforços intelectuais, emocionais e até mesmo espirituais.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Ronaldo de. **Evangélicos à Direita**, Horizonte Antropológico, Porto Alegre, ano 26, n. 58, p. 419-436. set./dez. 2020.

BIANCHI, Alvaro.; MUSSI, Daniel. **Antigramscismo na América Latina: circulação e tradução de ideias**. Brasília: Revista Brasileira de Ciência Política, n.37, p. 1-29, 2022.

COWAN, Benjamin A. **Moral Majorities Across the Americas**. Carolina do Norte: North Carolina Press, 2021.

ORLANDI, Eni P. **Michel Pêcheux e a Análise de Discurso**. Vitória da Conquista: Estudos da Língua(gem), n.1, p.9-13, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.